

A Imersão como Técnica para Humanizar Personagens em Reportagens de Desastres da Repórter Consuelo Dieguez

Gabriel Almeida do Amaral RIBEIRO
Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo apresenta a importância da Imersão, característica do jornalismo literário utilizada pela repórter Consuelo Dieguez em suas reportagens, para humanizar seus personagens nas tragédias de Mariana e do voo JJ3054 da TAM publicadas na revista *Piauí*. A pesquisa foi realizada a partir da revisão bibliográfica de Martinez (2016), Pena (2013) e Vilas Boas (2003), indicadores foram criados para estudar utilizando a metodologia da análise de conteúdo, os elementos do Jornalismo Literário nas duas reportagens. A análise do trabalho mostrou que sete vítimas são utilizadas na narrativa para reconstruir o desastre ambiental de Mariana, e o perfil de uma dirigente da Agência Nacional de Aviação Civil estrutura a descrição da tragédia aérea de 2007 ocorrida no Aeroporto de Congonhas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; perfil jornalístico; cobertura de desastres; revista *Piauí*; análise de conteúdo.

Introdução

Compreender como ocorre a humanização dos personagens utilizados em reportagens sobre desastres da Revista *Piauí* a partir da técnica de Imersão do jornalismo literário foi o objetivo geral desta pesquisa. Para alcançar esse objetivo geral, três objetivos específicos foram estabelecidos. São eles: realizar revisão da bibliografia disponível sobre o Jornalismo Literário e a construção de perfis; identificar os elementos utilizados na humanização de personagens sobre os acidentes de Mariana e do Voo JJ 3054 da TAM; por fim problematizar a humanização dos personagens em reportagens de desastres.

Três capítulos foram escritos para o determinado artigo. O primeiro sobre o Jornalismo Literário. Nele é contado um pouco de sua história, como ele começou a ser utilizado como um recurso para fugir das amarras do jornalismo convencional e diário, com suas narrativas diretas, objetivas e com pretensão de neutralidade. O segundo trata

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduado do curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, e-mail: gabriel.amaralribeiro1@gmail.com

dos perfis jornalísticos, como realizar esse trabalho na prática da construção dos perfis e um pouco de sua história. Já o terceiro capítulo da pesquisa de conclusão de curso apresenta a Revista Piauí, sua história e como seu criador idealizou a revista.

Para analisar o processo de humanização nas reportagens sobre o desastre foram selecionados dois trabalhos jornalísticos da repórter Consuelo Dieguez, republicados no final de 2016 no livro *Tempos Instáveis: o mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da Piauí*, da coleção *Jornalismo Literário* da editora Companhia das Letras.

Jornalismo literário

Autores dizem que a história e origem do Jornalismo Literário teve início nos anos 1960. Confunde-se, nestes casos, Jornalismo Literário com uma das fases mais conhecidas e divulgadas, a do Novo Jornalismo (MARTINEZ, 2016). Um dos exemplos de publicações e um dos marcos dessa modalidade teria sido o livro *A Sangue Frio*, do escritor estadunidense Truman Capote em 1965.

As verdadeiras origens do Jornalismo Literário, no entanto, remontam a uma fase mais antiga (MARTINEZ, 2016). Os profissionais do jornalismo se inspiraram em escritores do século XVII como o autor londrino Daniel Defoe que teve fama pela publicação do livro *Robinson Crusoe*. Porém, o autor também teve outras publicações, no ano de 1722, o livro *O Diário da Peste*, no qual descrevia com detalhes a epidemia bubônica que matou, de acordo com Defoe, 100 mil pessoas na capital inglesa em 1665.

Após Daniel Defoe, outros escritores também marcaram com suas narrativas reais. Um exemplo é o caso do autor John Hersey que, no ano de 1946, com seu livro *Hiroshima*, publicado originalmente na revista *The New Yorker*, narrava, segundo o ponto de vista de seis personagens reais, a tragédia da bomba atômica que matou milhares de pessoas. “Hersey parte de fatos autênticos para reconstruir cenas e explorar as emoções dos personagens, apresentando diálogos interiores de forma novelística.” (PENA, 2013, p. 53). A reportagem foi publicada no dia 31 de agosto de 1946.

O livro *Hiroshima*, segundo Matinas Suzuki Jr. (2002), é uma grande narrativa do jornalismo. A história liderava na época todas as listas de "melhor reportagem" já escrita. O autor do livro John Hersey precisou escrever 31.347 palavras para apresentar como uma bomba levou a morte 100 mil pessoas, feriu mais 100 mil e destruiu a alma da humanidade.

A narrativa da reportagem de Hiroshima não inovou com novas técnicas muito menos com dados desconhecidos sobre a bomba atômica (SUZUKI JR., 2002). Sua principal contribuição para o jornalismo veio do olhar e da abordagem escolhida pelo escritor John Hersey. Humanizando o que havia ocorrido por meio do relato de seis sobreviventes, duas mulheres e quatro homens, sendo um deles estrangeiro no país. Hersey optou por realizar história simples, sem demonstrar emoções, apresentando um relato de quem viveu aquela tragédia. "O tom da reportagem é um prolongamento da dor silenciosa que os sobreviventes de Hiroshima notaram nos conterrâneos feridos." (SUZUKI JR., 2002, p. 168).

Ainda de acordo com o autor, para muitos pesquisadores o jornalismo literário moderno começa com Hiroshima, obra do jornalista John Hersey. O jornalismo sempre esteve entrelaçado se não com a literatura aos literatos. Alguns escritores como Daniel Defoe e Jack London estão entre os citados tanto no campo da ficção como na história da imprensa jornalística. No Brasil, onde o ramo não teve continuidade, se produziu um dos maiores clássicos do jornalismo literário, as reportagens de Euclides da Cunha sobre Antônio Conselheiro e Canudos que foram publicadas nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo.

A origem do Jornalismo Literário no Brasil é pelo motivo do fechamento dos portos por Portugal na época do Brasil colônia, que foi até o ano de 1808 (MARTINEZ, 2016). Essa situação teve como uma das consequências o atraso no desenvolvimento da imprensa brasileira em relação a outros países.

O primeiro exemplo [de jornalismo literário brasileiro], portanto, seria Os Sertões. O livro lançado em 1902 pelo engenheiro carioca Euclides da Cunha (1866-1909) foi desenvolvido ao longo de cinco anos (1897-1902). A obra contém o material excedente que Cunha colheu ao cobrir a insurreição de Canudos para o jornal O Estado de S. Paulo em 1897. (MARTINEZ, 2016, p.402)

Segundo Martinez (2016), o jornalismo literário praticado no século XXI utiliza métodos de captação e um olhar da realidade que é originado da área das Ciências Sociais, onde o jornalismo se insere. Este é o caso, por exemplo, da técnica da observação participante.

Um conjunto de técnicas oriundas do Jornalismo, da Literatura, da Psicologia, da História e da Sociologia permite ao jornalista literário ultrapassar a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender e, finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os

nexos e as conexões existentes no acontecimento (MARTINEZ, 2014, p. 66). A Literatura é uma área importante do exercício do jornalismo literário, mas não é a única.

No ano de 2010, Martinez (2016) realizou um estudo comparativo, que foi publicado em 2012, entre cinco propostas diferentes de jornalismo literário (KRAMER, 1995; ABJL, 2000; PENA, 2006; LIMA, 2009; PASSOS; ORLANDINI, 2008). O resultado encontrado (MARTINEZ, 2012) sugere que, destas propostas:

1. Cinco delas abordam a estrutura textual, seja no abandono do lide ou no uso de técnicas literárias, como a digressão;
2. Quatro apontam a imersão no assunto-pesquisa como pontos importantes;
3. Quatro também ressaltam a relevância da exatidão da coleta de dados;
4. Três relatam como vitais a capacidade de interpretar, a partir dos fatos, aspectos simbólicos, desenvolvendo sentidos compreensíveis aos receptores;
5. Três enfatizam a autoria, apontando elementos como a voz e o estilo (MARTINEZ, 2016, p. 411).

Uma vez que o objetivo do jornalismo literário é contar uma boa história (MARTINEZ, 2016), a estrutura deve ser pensada a priori.

Um elemento crucial do jornalismo literário é a imersão, segundo Martinez (2016). Não há como praticar a imersão de um local fechado. Para realizar a técnica é preciso ir até o lugar, sujar seus pés e compreender os sentidos de uma dada situação no tempo em que se encontra, muitas vezes distante do cotidiano do próprio autor, não raro, demanda tempo dos jornalistas. Enquanto o profissional está elaborando uma matéria, parte de sua mente fica comprometida com aquele conteúdo, esteja ele ciente disso ou não. E é esse tipo de técnica, desencadeado por coberturas de longo prazo, que os jornalistas podem entrar em estados criativos que os permitem visualizar sentidos que outros não percebem.

O jornalismo literário pede acesso fácil para poder conversar com o entrevistado para se ter a aproximação necessária, daí os acontecimentos rotineiros serem um campo aberto e farto para se realizar boas pautas jornalísticas.

Perfil jornalístico

Os perfis podem focar apenas alguns momentos da vida dos personagens retratados. É uma história curta tanto no tamanho do texto quanto no tempo de validação de alguns fatos e interpretações do jornalista. Perfis são de natureza autoral. Não tem a possibilidade de que vivências pessoais de um repórter venham a se confundir com a temática que ele estiver trabalhando. A questão de querer trabalhar a

objetividade é um falso problema que é difícil de erradicar na vida diária do jornalismo convencional (VILAS BOAS, 2003).

O trabalho de perfilar cumpre um papel importante que vem ser exatamente gerar empatias entre pessoas (VILAS BOAS, 2003). Isso por sua vez, significa compartilhar sentimentos como as alegrias e tristezas do entrevistado, imaginando situações do ponto de vista do interlocutor.

Ainda de acordo com o autor, o trabalho de ser um repórter credencia a ficar interligado com indivíduos interessantes e, às vezes, a uma distância física que os leitores comuns não poderiam estar. Transmitir informações que os leitores compreendam, ainda que passageiro sobre um perfil, é delicado. Não é apenas distribuir as informações biográficas ou colocar aspas em frases do personagem.

Vilas Boas (2003) aponta alguns fatores necessários para a construção de um perfil jornalístico. O primeiro seria o encontro que, muitas vezes, não passa de uma hora para conversar, por mais que o repórter se esforce para ajudar na interação com a sua fonte. Todo o momento é primordial, e todo perfil reflete um certo momento na vida de alguém. Se o jornalista que está fazendo a entrevista achar que essa conversa não foi boa, há três coisas a se pensar em fazer: uma delas é desistir da matéria, a segunda seria tentar marcar uma nova entrevista e por último tentar se virar com o material que tem.

O problema da dimensão do personagem é o quinto fator citado por Vilas Boas (2003). No jornalismo convencional, os espaços medidos em questões técnicas como os caracteres e centímetros vem a ser determinados pelas realizações da pessoa. É preciso escutar o que a fonte tem a dizer.

Isso ocorre também com os perfis jornalísticos (VILAS BOAS, 2003). Mas, para o jornalista, todo encontro é único com sua fonte, e será sempre importante. Porém, o perfilado não é o que podemos dizer de um modelo em pose para foto. Sua imagem não pode ser pretendida, e por isso, talvez nem se consiga que ela seja completamente natural ou espontânea.

Primeiro, o repórter não pode (não deve, melhor dizendo) direcionar as palavras, os gestos e cenários para preencher o frame. Segundo, espontaneidade e artificialidade são oportunismos. Há casos em que a pessoa representa um papel, baseada em suas próprias projeções. Veste-se, maquia-se, monta o cenário para "receber o jornalista"; despe-se de sua gravidade, por exemplo, com o objetivo de demonstrar uma descontração genuína. (VILAS BOAS, 2003, p.19).

O retrato do personagem precisa ser construído de um modo que as informações e os fatos venham interessar tanto ao leitor quanto ao próprio indivíduo retratado, evitando assim duas armadilhas que o autor diz serem muito comuns, sendo as duas contrárias ao leitor e ao bom jornalismo: a primeira é quando o jornalista e sua fonte se lançam como adversários, agredindo um ao outro, sem contribuir com ideias para nada; a segunda vem a ser quando um ou outro se põe na posição de defesa, a fim de ocultar mais informações do que revelar ou de se exibir mais do que observar o interlocutor.

Os perfis têm grande importância como gênero jornalístico, mesmo que meses ou anos depois da matéria publicada o personagem tenha mudado seus pensamentos, conceitos de vida, atitudes ou estilo (VILAS BOAS, 2003). Não tem motivo para sofrer com o fato de que até as opiniões podem mudar.

No fim dos anos 1990 e o início do século 2000, os jornais diários ao redor do planeta pareceram enfrentar uma dificuldade mercadológica, segundo Klaczko (2010). Anualmente, o número de assinantes e suas tiragens passaram a diminuir significativamente. Pesquisadores de jornalismo da Universidade de Harvard iniciaram estudos sobre como realizar novas formas de escrever a narrativa jornalística, sem deixar muito distante dos manuais feitos para as redações (KLACZKO, 2010).

No Brasil, essa forma jornalística de narrativa que se aproxima da literatura é conhecida como jornalismo literário (KLACZKO, 2010). Alguns autores que trabalham na difusão deste conceito no país são Edvaldo Pereira Lima, Sérgio Vilas Boas e Celso Falaschi. Em uma entrevista concedida a Klaczko (2010), no dia 15 de maio de 2010, Edvaldo Pereira Lima afirmou que o jornalismo literário seria uma alternativa de escrita para aumentar as vendas no jornalismo impresso, uma vez que o público parecia gostar da dita humanização dos relatos da notícia. A importância deste gosto da opinião pública pela narrativa focado no homem seria, de acordo com o pesquisador, o sucesso que a revista Realidade teve no Brasil em sua época na década de 1960 por colocar a figura humana no centro dos acontecimentos da história contada.

Sérgio Vilas Boas também defende que a humanização poderia ser uma saída para o possível problema do jornalismo convencional (KLACZKO, 2010). Buscando evidenciar esse possível lado humano da narrativa jornalística, o perfil se torna importante ao jornalismo literário por que trata de um gênero que busca contar a história de certo indivíduo público ou anônimo que foi escolhido pelo autor do texto por algum motivo, se tornando interessante para apresentar aos leitores.

Ainda segundo a autora, o pesquisador Vilas Boas acredita que o gênero perfil, para ser bem realizado, é preciso utilizar das técnicas de linguagem literária. O perfil seria a narrativa jornalística escrita com o auxílio das técnicas literárias de escrita, que utilizaria um personagem principal na história e sua própria vida. Nesse tipo de texto podem ser abordados apenas algumas partes da vida desse perfilado. Tratando que o gênero perfil é uma narrativa que permite ao jornalista interpretar e opinar sobre algum acontecimento da vida do personagem da história.

Revista Piauí

A revista *piuí* nasceu em outubro de 2006. No Brasil, já existia o consenso de que o jornalismo impresso seria uma atividade condenada, com um declínio progressivo que o levaria a sua triste morte (SILVA, 2016). Os veículos de comunicação estavam diante do dilema de adiar o inevitável, tentando manter vivo, mesmo que em condições cada vez mais caras, o papel de jornal impresso ou voltar suas finanças e atenções para a fronteira digital, apressando o fim da versão impressa para que os jornais e as revistas pudessem conhecer um novo modelo na esfera virtual. Ainda segundo o mesmo autor, a expressão *jornalismo diário* estaria ultrapassada.

Sob a tirania do on-line e das redes sociais, o tempo da notícia passou a ser medido em minutos. Bombardeado por todos os lados, ininterruptamente, o leitor, por sua vez, deixou de ser mero receptor passivo das informações. O consumidor de informação agora acorda - ou, antes, mantém-se acordado - conversando com o mundo. (SILVA, 2016, p.7).

Foi nesse ambiente de mudanças que a revista *piuí* foi criada (SILVA, 2016). Seria quase impossível imaginar alguma outra publicação tão diferente das que estavam acontecendo. A começar pela aposta de voltar a acreditar no papel. Segundo o autor, se fossemos comparar, seria como ingressar no ramo de aluguel de charretes no mesmo período em que Henry Ford inventava a linha de montagem de veículos.

Sobretudo, havia esse nome *piuí*, espécie de síntese bem-humorada de certa gratuidade inscrita no DNA da revista. Seu criador, João Moreira Salles, falou que o nome surgiu devido ao seu gosto por palavras com muitas vogais e, neste caso, *piuí* tem várias (SILVA, 2016). A palavra, por sua simpatia e conotações, pode ser uma boa razão para utilizá-la, mas isso não é tudo. Segundo o autor a palavra *piuí* não é uma palavra qualquer cheia de vogais.

Sem querer me estender nesse ponto, fiquemos apenas com o óbvio: o *piauí* é um dos estados mais pobres da federação, dentro de uma região já identificada, ela própria, com a pobreza. Levando em conta que somos, também, um país periférico, pode-se dizer que o *piauí* se encontra na periferia da periferia. (SILVA, 2016, p.8).

Que tipo de publicação imaginava criar com sua revista? Que tipo de público leria essa revista? Quem faria essa revista? (SILVA, 2016). Essas dúvidas que Salles tinha desde que começou a pensar no assunto, pelo menos cinco anos antes da *piauí* se concretizar, e que dividia essas questões com o jornalista Marcos de Sá Corrêa, que viria ser um dos editores fundadores da revista ao lado de Dorrit Harazim e de Mario Sergio Conti, escolhido como diretor de redação.

Os perfis políticos da revista foram os responsáveis por retirar a *piauí* de sua condição inicial. Na revista haviam duas características que eram cobiçadas e cada vez mais raras nas redações: "Tempo para apurar e espaço para escrever. Além, claro, de independência editorial, sem o que não se faz nada que valha a pena em jornalismo" (SILVA, 2016, p.10).

A Revista Piauí apostava na apuração paciente e minuciosa que requer uma coleta muito extensa de informações, contatos longos com os entrevistados e capacidade de observação - o que o personagem fala pode não ser tão significativo quanto aquilo que o jornalista vê (SILVA, 2016). Esse resultado também se deve ao processo de edição, mais intensos e mais invasivos do que fazem em outros veículos de comunicação.

Mas editar, nesse caso, significa tornar o texto mais claro e mais precioso, a prosa mais fluente e a leitura mais agradável. Editar não se confunde com editorializar, intervir na narrativa para que ela sirva a propósitos políticos, obscuros ou explícitos, e não jornalísticos, como se tornou comum em publicações do país, de forma frequentemente caricata. (SILVA, 2016, p.10)

A revista que acaba de completar dez anos em 2016 não é muito diferente daquela que seu fundador Moreira Salles idealizou na origem da Piauí (SILVA, 2016). Havia dois problemas que poderiam ser fatais para uma publicação dessa natureza: a irrelevância ou a descaracterização - a Piauí não poderia estar fora do debate público nem fazer concessões ao mercado. Tudo indica que conseguiu superar a ambos.

A revista *piauí* é uma revista que foi criada e dedicada para contar boas histórias, atenciosa a sua forma, feita pela sátira e a ironia para os debates que a

interessa (DRAGO, 2012). Em certo modo anárquica, independente do noticiário e das editoriais fixas. Na revista não há assunto proibido, mas com a exigência de que fatos sejam também histórias narradas para além de uma enumeração estabelecida. Foi assim que o criador da revista *piauí*, João Moreira Salles, definiu a origem da revista em 2007, após nove meses da primeira edição chegar às bancas, no mês de outubro de 2006 e vender, na sua estreia, 35 mil exemplares.

A checagem das informações e fatos, em um tempo em que poder juntar todas elas é luxo, também está entre questões de prioridades de ambas as revistas (DRAGO, 2012). O termo *fact cheking*, como é denominado na imprensa dos Estados Unidos, foi aplicado na *New Yorker* no ano de 1965 no caso de Capote, quando um entrevistador profissional foi enviado ao interior do país, no estado de Kansas, para verificar a consistência dos fatos da narrativa *A Sangue Frio*.

A revista *piauí* é mensal, cobrindo diversos assuntos e temas para um público de leitores que lê por prazer onde 84% pertencem à classe AB e 67% tem ensino superior. Assim, de acordo com Drago (2012), se explica o slogan da revista: *para quem tem um parafuso a mais*. Com uma tiragem entre 53 mil e 60 mil exemplares, vende, em média, 35 mil exemplares por edição incluindo as 19 mil assinaturas. A revista é produzida pela Editora Alvinegra e distribuída pela Abril. Circula por todos os estados do Brasil, chegando a até 13 mil cidades. E assim foi explicado, em 2008:

Na *piauí*, jornalistas e escritores têm o tempo necessário para instigar e escrever, livres das urgências do jornalismo diário. A revista oferece aos repórteres a chance de descobrir histórias diferentes ou ângulos inéditos de histórias já conhecidas. Apura com rigor e escreve com clareza. Trata dos temas atuais, mas não tem a pressa de chegar primeiro à notícia de última hora. Por isso, pode apresentar os assuntos com mais substâncias e menos adjetivos. (REVISTA *PIAÚÍ*, 2008, apud DRAGO, 2012, p.37).

Era esse tipo de narrativa e jornalismo que o criador da revista, como um leitor assíduo, esperava encontrar nas revistas do Brasil e foi por verificar esse tipo de conteúdo em nenhuma publicação que decidiu criar ele mesmo (DRAGO, 2012). Foi criada, então, a *piauí*, palavra cheia de vogais pela sua sonoridade, um nome pelo qual é fácil agradar. Interessada desde sua origem em fazer coberturas em todos os lugares do país, inclusive no estado do Piauí. Uma revista que se lê por puro prazer de longas narrativas e boas histórias, com importantes informações e sempre bem apuradas.

Corpus

Os elementos para o estudo dessa pesquisa foram escolhidos de forma direta de acordo com o entendimento do pesquisador. Como o objetivo geral dessa pesquisa é compreender como a humanização dos personagens é utilizada em reportagens sobre desastres da Revista *Piauí*, foram escolhidas duas reportagens da repórter Consuelo Dieguez. A primeira sobre o caso da tragédia de Mariana, que vem a ser o maior desastre ambiental do país, segundo a própria *Piauí*; e a segunda reportagem sobre o acidente do voo JJ3054, da TAM, onde a jornalista investiga as circunstâncias da tragédia de 2007 ocorrida no aeroporto Congonhas. Ambos foram republicadas no livro *Tempos Instáveis: o mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da Piauí*, publicado em 2016 pela coleção *Jornalismo Literário* da Companhia das Letras.

CATEGORIAS DE ANÁLISE

Neste artigo, foi criada categoria de análise *Imersão*, inspirada em um dos dez pilares do que Edvaldo Pereira Lima (apud MARTINEZ, 2016) chamou de a alma do jornalismo literário. Para o autor, há apenas uma forma do jornalista literário ter conhecimento da realidade. Ele precisa compreender a sua própria.

Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a experiência, deixa as emoções, as instituições e os pensamentos assentarem. E então escreve. (LIMA apud MARTINEZ, 2016, p. 48).

A partir desta concepção, os indicadores da categoria *Imersão* criada para esta pesquisa são: quando o repórter informa no texto que esteve no local falando com os personagens e observando o ambiente, e também quando ele mostra dados pesquisados em outras fontes para compreender o tema.

Quadro 1 – Categoria de humanização e seus indicadores

Categoria	Indicadores
Imersão (I)	Quando o repórter informa no texto que esteve no local ou falando com os personagens e observando o ambiente e, também, quando mostra dados de pesquisa prévia sobre o tema.

Fonte: Dados da pesquisa. Nota: Dados trabalhados pelo autor.

Na formação do corpus, foi utilizada a seguinte codificação das unidades de registro: CATEGORIA_REPORTAGEM_UNIDADE DE REGISTRO_PÁGINA. Por exemplo, a codificação I_1_1_p. 131 informa que a categoria Imersão teve na primeira reportagem analisada a primeira unidade de registro recortada da página 131. O corpus é apresentado nos três quadros a seguir com todas as unidades de registro recortadas por categoria.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como a humanização de personagens é utilizada pela jornalista Consuelo Dieguez através da técnica de Imersão em reportagens sobre as tragédias de Mariana e do Voo JJ3054 da TAM publicadas na revista *piauí*. A análise mostrou que sete vítimas são utilizadas na narrativa para reconstruir o desastre ambiental e que o perfil de uma dirigente da Agência Nacional de Aviação Civil estrutura a descrição da tragédia aérea de 2007 ocorrida no aeroporto Congonhas.

As análises a seguir sugerem que uma técnica de humanização foi identificada: a imersão da repórter. Ao todo, foram encontradas 12 unidades de registro utilizadas pela repórter Consuelo Dieguez para humanizar os personagens em suas narrativas com a técnica Imersão.

As descobertas a partir da criação da categoria para analisar as duas reportagens do corpus apresentam que a repórter Consuelo Dieguez, para escrever suas narrativas, utiliza-se de elementos do jornalismo literário para humanizar seus personagens nos textos. A categoria mostra que a repórter usa elementos quando se mostra presente no local com os personagens, conversando com as pessoas na Imersão.

Na categoria Imersão, foram encontradas um total de 12 unidades de registro nos dois textos estudados, sendo 8 no primeiro e 4 no segundo. Outra maneira de mostrar a humanização dos personagens das reportagens das tragédias foi a repórter se mostrar presente no local e conferir com seus próprios olhos e sua visão de mundo o que cada pessoa apresentada nos dois textos vivenciou. Consuelo Dieguez faz questão de revelar que esteve presente junto aos personagens e falou com eles, como mostra as unidades de registro a seguir.

Alves não estava deprimida. Triste, sim. Trabalhava como tratadora de animais no galpão que a Samarco montou para abrigar aqueles que sobreviveram ao desastre. Continuava indo para o serviço montada em sua moto, que ela chama de Berenice. (I_1_1_157).

Na primeira unidade de registro da primeira reportagem sobre a personagem Paula Geralda Alves, na frase **Alves não estava deprimida. Triste, sim**, Consuelo Dieguez se mostra presente junto com a mulher aparecendo na entrevista estando no lugar com a entrevistada apresentando Paula como ela estava se sentindo depois de ter perdido sua vida em Bento Rodrigues. Com a categoria de Imersão, a repórter se põe na história apresentando a vida dos personagens, estando no lugar com as pessoas entrevistadas na narrativa.

Assim como na primeira reportagem, Consuelo Dieguez apresenta a mesma característica de Imersão na segunda reportagem onde a personagem central Denise de Abreu é apresentada. A repórter aparece em partes da narrativa onde se apresenta falando com a personagem. Como é apresentado nas unidades de registro a seguir.

Questionada sobre o episódio, Denise negou que tivesse sido autora da frase. Culpou a assessora de imprensa, embora, na época, ela tenha procurado as famílias para tentar, sem sucesso, desculpar-se por suas declarações. "Não fui eu que falei isso", **disse-me ela, elevando o tom da voz**. "Você me acha burra?", perguntou. E ela mesma respondeu: "Não sou burra. Podem falar o que quiserem de mim, menos que sou burra. Todos vão dizer que sou muito competente. Concorda que seria um grau de burrice imeeeeeenso uma autoridade pública falar isso?". **Respondi que**, mais que burrice, seria uma total falta de sensibilidade. 'Nananão, querida', **ela retrucou irritada**. "Um servidor público não tem que ser sensível. Ele tem que ser inteligente!". (I_2_1_p.193-194).

Na primeira unidade de registro da segunda reportagem, nas frases **disse-me ela, elevando o tom da voz, Respondi que e ela retrucou irritada**, Consuelo Dieguez se apresenta no texto conversando e entrevistando Denise de Abreu. A repórter se apresenta no lugar contextualizando o que se encontrava e o que ela estava presenciando. Consuelo Dieguez segue na reportagem mostrando que no lugar onde estava na próxima unidade de registro quando ela destaca **perguntou Denise, angustiada**, mostrando a angústia que a entrevistada parecia ao olhar da repórter.

Após análise do recorte das unidades de registro da categoria nas duas reportagens percebe-se que a Imersão é um elemento importante, como deixou claro a repórter Consuelo Dieguez, para humanizar os personagens em casos de desastres imergindo na narrativa. A repórter faz questão de dizer que esteve presente junto com os entrevistados, observando cada personagem e se fazendo presente na história.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo compreender como a humanização de personagens é utilizada pela jornalista Consuelo Dieguez em reportagens sobre as tragédias de Mariana e do voo JJ3054 da TAM publicadas na revista *piauí*. Nesse sentido, cabe lembrar que para realização da análise destas reportagens foi necessária a criação da categoria Imersão que delimitasse uma técnica relevante do jornalismo literário.

Após esta pesquisa, que mostrou como a repórter Consuelo Dieguez humaniza personagens em reportagens de desastres na revista *piauí*, foi possível mostrar a importância da técnica do jornalismo literário para tratar deste tipo de tema trágico de uma maneira humanizada.

A humanização é obtida com a Imersão do jornalista. Esta técnica ajuda a descrever sentimentos dos personagens, a partir da presença do jornalista no local conversando com vítimas, apresentando pessoas que perderam grande parte de suas vidas por acidentes causados por humanos.

Imersão como técnica analisada foi encontrada em ambos textos escritos pela repórter Consuelo Dieguez que, ao imergir na história e apresentar o ponto de vista de cada uma das sete vítimas apresentadas na primeira narrativa e uma personagem central na segunda narrativa, conseguiu descrever os sentimentos de cada um de seus personagens pela sua ótica de observação apresentando cada uma dessas categorias trabalhadas nos textos.

Esta pesquisa sugere que a humanização de personagens pode ser mostrada a partir de uma ou mais técnicas que podem ser estudadas e aprimoradas com a utilização do jornalismo literário, pois quando são realizadas reportagens de acidentes é preciso humanizar as vítimas.

As técnicas do jornalismo literário são importantes para realizar esses tipos de narrativas mais longas quando é preciso mostrar os detalhes que o jornalista observa quando ele vai até o local para descrever o cenário, apresentar os personagens da história. O repórter precisa compreender o que os entrevistados sentiram então, para isso, precisa imergir, refletir.

A técnica Imersão e suas unidades de registro retiradas dos textos foram importantes para relacionar como jornalistas utilizam técnicas do literário para escrever grandes reportagens. Assim como os detalhamentos dos personagens, cenários,

mostrando que os mesmos vão até o local presenciar o que aconteceu e buscam personagens para apresentar em sua narrativa com a técnica Imersão aqui mencionada, quando o repórter vai até o local e se faz presente com os personagens.

A Imersão é uma técnica importante para humanizar personagens como foi visto na análise das reportagens da repórter Consuelo Dieguez, na qual a técnica proposta para ressaltar como ela humaniza os personagens se mostra presente ao longo do texto. O presente trabalho também sugere que novas pesquisas sejam feitas com textos jornalísticos de características semelhantes a estes, que tratam sobre desastres. A humanização dos personagens enriquece a narrativa jornalística, contribui para futuros estudos sobre o tema e acrescenta aos próximos profissionais que venham a escrever sobre tristes realidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DRAGO, Carolina Pontes de Sá. **Realidade e Piauí: Um reencontro do jornalismo literário brasileiro**. 2012. 60 p. Monografia de graduação. Grau: Bacharelado. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Comunicação. Disponível em:

<literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/monografia-jornalismo-carolina-drago.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016, às 20 horas e 32 minutos.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008. 200 p.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 286 p.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das letras, 2002. 176 p.

KLACZKO, Andrea. **O Jornalismo Literário nas Revistas Piauí e Brasileiros: Em Busca da Literariedade**. 2010. 168 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Disponível em:

<repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119534/klaczko_a_tcc_bauru.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jun. 2016, às 19 horas e 25 minutos.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário – tradição e inovação**. Série Jornalismo a Rigor. V.10. Florianópolis: Insular, 2016. 456 p.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. ed. 2. São Paulo: Contexto, 2013. 144 p.

SALLES, João Moreira. Um mergulho no jornalismo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 de jan. 2017. p. 15.

SILVA, Fernando de Barros e (Org.). **Tempos instáveis: o mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da *piauí***. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 576 p.

SOUZA, Juliana Lopes de Almeida; LIGÓRIO, Claudia Alice de. Jornalismo literário: O ritual da revista *piauí*. **REBEJ - Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 143-172, jan. a jun. 2012.

SUZUKI JR., Matinas. **Jornalismo com H** [Posfácio]. In: HERSEY, John. Hiroshima. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. - São Paulo: Summus, 2003. - (Novas buscas em comunicação; v.69). 168 p.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. ed. 2. São Paulo: Companhia das letras, 2005. 248 p.